



Empresas & Negócios do AGRO

agronegocio@netjen.com.br

São Paulo, quarta-feira, 06 de maio de 2026

Contratações no agronegócio

A Conab divulgou em abril o 7º Levantamento da Safra de Grãos 2025/26, confirmando que a produção deve atingir 356,3 milhões de toneladas, o maior volume da história. A soja lidera com 177,6 milhões de toneladas, enquanto o milho contribui com cerca de 118 milhões de toneladas. Esse cenário de expansão e digitalização abre espaço para novas contratações em empresas ligadas ao setor, como a YANMAR e a Orbia, que estão com vagas abertas em diferentes áreas (<https://visualcargos.com.br/yanmar/trabalheconosco>).

Foto: Ieda Mendes

O mercado de suínos mudou a sua visão sobre o desempenho nas propriedades e, atualmente, a qualidade supera volume. Durante muitos anos o foco principal dos produtores foi elevar o número de leitões nascidos e desmamados, no entanto, a quantidade isolada não garante a eficiência econômica do sistema.

Atualmente, os indicadores de peso ao desmame e de quilos desmamados por fêmea ao ano ganham destaque por conectarem a produtividade à qualidade do resultado gerado. O objetivo é produzir animais viáveis, robustos e com grande potencial de desempenho para as fases seguintes.

O peso ao desmame reflete diretamente na sobrevivência do animal e no seu desempenho nas etapas de creche e de terminação. O leitão que sai mais pesado da maternidade possui uma capacidade maior de enfrentar os desafios sanitários e nutricionais inerentes ao período de creche. Essa característica gera uma melhor adaptação e um crescimento mais eficiente.

"Um bom desempenho na fase de maternidade frequentemente está associado a um melhor ganho de peso, melhor eficiência alimentar e, em muitos casos, menor tempo para atingir o peso de abate", explica a médica-veterinária da Topigs Norsvin, Kelly Will.



REDUZ O CUSTO TOTAL

PESO AO DESMAME DITA A NOVA RENTABILIDADE DA SUINOCULTURA

Cursos gratuitos sobre potencial, particularidades e exigências do consumidor muçulmano

A Agrotins 2026 será também palco de capacitação estratégica para produtores, empresas e profissionais interessados em acessar mercados internacionais. Durante o evento, a International Halal Academy (IHA), instituto privado de formação e qualificação para o mercado Halal, promoverá duas edições do Curso de Capacitação e Conscientização Halal, nos dias 12 e 13 de maio.

Gratuitos e abertos ao público, os cursos apresentam o conceito Halal como uma ferramenta concreta de internacionalização do agronegócio com foco nos países islâmicos. Mais do que um preceito religioso, o Halal é hoje reconhecido globalmente como um selo de qualidade que envolve rastreabilidade, conformidade, segurança alimentar e boas práticas produtivas — atributos cada vez mais valorizados por consumidores e mercados internacionais.

"Estamos falando de um mercado que movimenta trilhões de dólares e cresce de forma consistente. A Agrotins é uma oportunidade concreta de aproximar produtores e empresas desse universo, mostrando caminhos reais para exportação e geração de valor", afirma Ali Zoghbi, presidente da International Halal Academy (<https://docs.google.com/forms/d/1CCZbojzi0UritLNj4j2OmlWp2qNjoKpw5dY7UaZjxFE/edit>).

O "ouro verde" do Nordeste: a nova fronteira bilionária da cannabis no Brasil

Divulgação/Italo Coelho



Com condições naturais ideais, tradição agrícola e uma rede já estruturada de associações, o Nordeste se consolida como peça-chave para o desenvolvimento da cannabis no Brasil. A região reúne potencial produtivo, impacto social e articulação institucional em torno de um setor que já funciona na prática — e que pode reposicionar o país no mercado global.

O potencial do Nordeste brasileiro para o cultivo de cannabis vem ganhando força no debate nacional, especialmente diante do avanço global da indústria e da necessidade do Brasil estruturar sua própria cadeia produtiva. Com condições climáticas altamente favoráveis — como alta incidência solar, solo fértil e tradição no agronegócio — a região desponta como uma das mais estratégicas para o desenvolvimento do plantio em larga escala, sobretudo para fins medicinais e industriais.

Esse cenário reforça a ideia do Nordeste como um verdadeiro "ouro verde": uma oportunidade concreta de geração de riqueza, desenvolvimento regional e inserção competitiva em um mercado global que já movimenta bilhões. Enquanto países como Colômbia e Uruguai avançaram na regula-

mentação e consolidaram cadeias produtivas completas, o Brasil ainda opera de forma limitada, com o setor travado pela ausência de regras claras.

Apesar disso, o Nordeste já apresenta uma base real em funcionamento. Em cidades como Fortaleza, um conjunto crescente de associações canábicas vem desempenhando papel fundamental ao garantir acesso a tratamentos, orientar pacientes e estruturar conhecimento técnico. Organizações como a ANTC, AMEDIS, ACALME-CE, além de iniciativas como ACTEC, Adapta-Cann, ACAMED, Cannmed e Terra Livre mostram que a cadeia da cannabis já existe — ainda que sustentada por decisões judiciais e pelo esforço da sociedade civil.

A importância dessas associações vai além do acesso individual à saúde. Elas funcionam como um modelo embrionário de política pública, conectando pacientes, profissionais e cultivadores em uma lógica coletiva. Em uma região historicamente marcada por desigualdades, esse movimento também abre espaço para inclusão produtiva, geração de renda e fortalecimento de economias locais.

Safrinha 2026 entra em fase crítica com custos elevados e maior risco climático

A safra de milho safrinha 2026 entra nas próximas semanas com grande parte das lavouras entrando em pendoamento sob um padrão de chuvas já em redução, em um cenário que combina custos elevados, janela de plantio mais apertada e início de restrição climática. "A safrinha 2026 começa pressionada antes mesmo de qualquer problema em campo. O aumento dos custos mudou o ponto de equilíbrio da cultura", afirma Yedda Monteiro, analista da Biond Agro.

No Mato Grosso, o gasto com insumos saltou de pouco mais de 58 para entre 76 e mais de 90 sacas por hectare. A alta é puxada principalmente pelos fertilizantes, especialmente nitrogenados, que encareceram de forma consistente e elevaram o custo por hectare em ritmo superior ao preço do milho. O movimento não inviabiliza a cultura, mas reduz a margem de segurança do produtor e aumenta a dependência das decisões para o próximo ciclo e para quem ainda não garantiu toda sua necessidade atual. O plantio foi concluído próximo da média, mas com distribuição irregular dentro da janela ideal. Parte relevante da área foi semeada fora do período recomendado, o que amplia a exposição ao risco climático, especialmente em regiões como Goiás, Minas Gerais, Paraná e Mato Grosso do Sul (<https://www.biondagro.com/>).

Destaque I

Divulgação Tirolez



Acordo Mercosul-União Europeia acelera preparo das agroindústrias

O acordo Mercosul-União Europeia já mobiliza as agroindústrias brasileiras em torno de uma agenda que vai além das tarifas. Antes mesmo dos efeitos comerciais aparecerem com mais clareza, empresas do setor avançam em rastreabilidade, conformidade e integração de dados para comprovar, com mais consistência, a origem da matéria-prima e o controle do processo em toda a jornada do produto. Em mercados externos mais exigentes, escala, eficiência e qualidade seguem relevantes, mas já não sustentam sozinhas a competitividade. Ganha força a capacidade de responder, com segurança, sobre a origem, o processamento, a armazenagem e o transporte do produto até a entrega final. "Mais do que criar uma exigência nova, o acordo Mercosul-União Europeia acelera uma agenda que já vinha ganhando força no agro", afirma o diretor de agronegócios da Senior Sistemas, Fernando Silva.

Destaque II

Divulgação



Minerva Foods investe em plataforma de aprendizagem

Em um setor altamente competitivo, pressionado por margens, exigências regulatórias e crescente demanda global por eficiência, a capacidade de desenvolver pessoas se tornou um diferencial estratégico na indústria de alimentos. É nesse contexto que a Minerva Foods, líder na exportação de carne bovina na América do Sul, com mais de 30 mil colaboradores globais e operação em diversos países, decidiu dar um passo além e transformar sua cultura de aprendizagem para sustentar seu crescimento global. A iniciativa ganhou força com a criação da Minerva Co, uma plataforma de educação corporativa desenvolvida em parceria com a Edusense, unidade de negócio do DOT Digital Group com plataforma de aprendizagem focada em gestão de carreira. Mais do que uma solução tecnológica, o projeto se consolidou como um ecossistema estruturado para conectar desenvolvimento humano, estratégia de negócio e performance operacional.

Rodobens reforça atuação no agronegócio com participação em eventos pelo país

A Rodobens amplia sua presença no agronegócio com a participação em uma série de feiras e leilões realizados entre maio e junho em diferentes regiões do Brasil, com agendas em cidades como Belo Horizonte, em Minas Gerais, Itaituba, Novo Progresso e Santarém, no Pará, e Porto Alegre do Norte, no Mato Grosso. A iniciativa reforça o posicionamento da companhia junto ao setor, levando ao público soluções integradas que combinam concessionárias, consórcio, banco e seguros. Durante os eventos, a empresa contará com estandes das marcas Toyota e Mercedes-Benz, com consultores de vendas disponíveis para atendimento e apresentação de soluções alinhadas às necessidades do produtor rural. Os espaços também terão exposição de modelos como Hilux, Yaris Cross e SW4, além de condições comerciais diferenciadas, como desconto de até 23% para clientes com CNPJ e produtores rurais (<https://rodobens.com.br/>).

Expobor 2026 destaca força da indústria de artefatos de borracha

De 23 a 25 de junho de 2026, o Expo Center Norte, em São Paulo, será palco de um dos mais importantes encontros da indústria de transformação: a Expobor 2026. Reconhecida como a principal feira de tecnologia de artefatos de borracha da América Latina, o evento reúne empresas, especialistas e lideranças que impulsionam um setor essencial para a economia brasileira (<https://expobor.com.br/>).

XCMG Brasil cresce até 10% na Agrishow 2026 e atrai atenção com novos tratores

"A Agrishow 2026 superou a edição anterior em termos de número de visitantes e realização de negócios. Vendemos em torno de 5% a 10% a mais neste ano e lançamos dois modelos de tratores agrícolas e um sobre esteiras, atendendo a uma tendência de mercado. Esses foram os equipamentos que mais despertaram a atenção do visitante especializado no estande", afirmou Daniel Sasaki, gerente comercial da XCMG Brasil, no encerramento do evento, realizado de 27 de abril a 1º de maio, em Ribeirão Preto, São Paulo.

Do campo à franquia: como o agro está abrindo caminho para novos empreendedores



Longe dos grandes centros, o campo não apenas produz alimentos, ele também cria oportunidades. Com o avanço do agronegócio no Brasil e a profissionalização das atividades no interior, cresce também a demanda por serviços especializados, abrindo espaço para novos modelos de negócio, como as franquias voltadas ao público rural. O movimento acompanha uma transformação mais ampla do setor. Hoje, o produtor rural não lida apenas com a produção, mas também com gestão financeira, acesso a crédito, planejamento e tomada de decisão estratégica. Nesse cenário, surgem empresas que atuam como parceiras, conectando conhecimento técnico e soluções práticas. É justamente nesse ponto que modelos de franquias especializadas ganham força.

OPINIÃO

O segredo da ordenha robotizada está no caminho das vacas

Letícia Fernandes (*)

Nas últimas décadas, a produção leiteira tem passado por transformações importantes, impulsionadas pela adoção de tecnologias e pela busca por maior eficiência, sustentabilidade e melhores condições de trabalho.

Nesse cenário, os sistemas de ordenha automatizada (Automatic Milking Systems – AMS) vêm ganhando espaço nas fazendas leiteiras, ao modificar de forma significativa o manejo do rebanho e a rotina de ordenha.

Com a expansão desses sistemas, estudos têm avaliado seus impactos na produção e qualidade do leite, no comportamento animal, na saúde e bem-estar das vacas e na eficiência operacional, especialmente no uso de mão de obra. Além disso, a ordenha robotizada proporciona maior autonomia às vacas, permitindo que escolham quando se alimentar, descansam e ir à ordenha, o que contribui para uma rotina mais natural.

Pesquisas indicam que a adoção da ordenha robotizada pode resultar em aumento na produção de leite. Propriedades que migraram de sistemas convencionais para o AMS relatam incrementos produtivos entre 2% e 12%, especialmente quando as vacas passam a ser ordenhadas mais de duas vezes ao dia. Também são observados ganhos relacionados à redução da necessidade de mão de obra, maior liberdade comportamental dos animais e melhoria na qualidade de vida dos produtores.

Dentro dos sistemas robotizados, um dos principais pontos de atenção está na forma como o fluxo de vacas é organizado na propriedade. Esse fluxo pode seguir diferentes estratégias, sendo as mais comuns o fluxo livre e o fluxo guiado, modelos que impactam diretamente o comportamento dos animais e a eficiência do sistema.

No fluxo livre, as vacas têm acesso irrestrito ao robô de ordenha, à área de descanso e ao cocho. Durante a ordenha, recebem concentrado, o que reforça a associação positiva com o processo e estimula visitas voluntárias ao robô. Esse modelo prioriza o conforto e a autonomia, permitindo que os animais se movimentem de forma mais natural, sem a necessidade de estruturas que direcionem seu deslocamento.

Nesse sistema, o número de ordenhas é regulado principalmente por parâmetros definidos no software, respeitando os intervalos adequados para cada animal.

Já nos sistemas de fluxo guiado, a movimentação das

vacas é organizada por meio de portões de seleção, que direcionam o acesso às diferentes áreas da instalação. Um dos modelos mais utilizados é o “feed first” (alimentação primeiro), no qual as vacas acessam livremente o cocho, mas precisam passar por um portão de seleção para retornar à área de descanso, sendo encaminhadas à ordenha apenas quando autorizadas pelo sistema.

Outro modelo é o “milk first” (ordenha primeiro), em que as vacas precisam passar pela seleção antes de acessar a alimentação. Nesse caso, aquelas que estão aptas são direcionadas ao robô e, após a ordenha, seguem para o cocho e, posteriormente, retornam à área de descanso.

Estudos mostram que o tipo de fluxo influencia diretamente o comportamento das vacas. Em sistemas guiados, pode haver maior interferência na dinâmica social do rebanho, enquanto no fluxo livre observa-se maior ingestão de matéria seca, maior tempo de ruminação e menor formação de filas próximas ao robô.

Esse padrão também impacta o comportamento alimentar: vacas em fluxo livre tendem a realizar mais refeições ao longo do dia, porém em menores quantidades, um comportamento já observado em estudos comparativos entre diferentes sistemas de tráfego, o que favorece a saúde ruminal e uma digestão mais estável.

A literatura também descreve ganhos produtivos associados ao fluxo livre, como aumento na produção diária de leite, maior número de ordenhas por dia e melhor aproveitamento do sistema robotizado.

Independentemente do modelo adotado, o objetivo deve ser sempre o bem-estar animal. Vacas confortáveis e saudáveis expressam melhor seu potencial produtivo, resultando em maior produção e qualidade do leite.

Mesmo em sistemas de fluxo livre, o controle de acesso ao robô continua sendo essencial para garantir intervalos adequados entre ordenhas e preservar a saúde da glândula mamária. Embora o aumento da frequência de ordenhas esteja associado à maior produção, é fundamental respeitar os limites fisiológicos dos animais.

Um sistema de ordenha automatizada bem ajustado, aliado a manejo criterioso, permite equilibrar produtividade, saúde e sustentabilidade. Quando esses fatores caminham juntos, o resultado é um rebanho mais eficiente, sem renunciar ao conforto e do bem-estar das vacas.

(*) Médica-veterinária pela USP, mestre em microbiologia do leite pela Texas University e líder de equipe FMS LATAM da Lely

Mel do Norte de Minas soma cerca de 350 toneladas exportadas em cinco anos

Produto da agricultura familiar regional ganha espaço em mercados da União Europeia, Estados Unidos e Oriente Médio, impulsionado pela qualidade certificada e sabor diferenciado

Pequenos produtores do Norte mineiro estão fortalecendo a internacionalização do mel produzido na região. Somente nos primeiros meses de 2026, eles já celebram a exportação de 42 toneladas para países como Suíça, Bélgica e Kuwait. Desde o início das exportações, em 2022, foram comercializadas cerca de 350 toneladas de mel para os Estados Unidos, União Europeia e Oriente Médio, conforme dados da Cooperativa dos Apicultores e Agricultores Familiares do Norte de Minas (Coopemapi), responsável por intermediar as vendas.

O sabor original extraído de plantas de uma área de transição entre o Cerrado e a Caatinga é um dos diferenciais que conquistaram o mercado europeu e árabe. Floradas nativas de café, abacate e aroeira resultaram em méis saborosos e únicos, com um perfil sensorial que possibilitou expandir a variedade do produto. O modo de produção praticamente artesanal é outro fator alinhado à demanda atual dos consumidores europeus, que valorizam produtos certificados e de origem sustentável.

Posicionamento

Iniciativas de apoio e qualificação, incluindo a obtenção de certificações específicas exigidas por compradores estrangeiros, impulsionaram o acesso ao mercado internacional. Neste sentido, o Sebrae Minas atua com os apicultores, desde 2016, por meio de capacitações, estratégias de acesso a mercados e participação em feiras do setor.

Em 2023, a entidade iniciou um processo de consultoria especializada, em parceria com a Coopemapi. Um profissional contratado mapeou o comportamento do consumidor europeu e identificou oportunidades. O estudo revelou a valorização de méis certificados, voltados à alimentação saudável e com propriedades funcionais. “Em 2024, levamos um grupo de apicultores para uma missão técnica, na Suíça. Eles perceberam que fatores como embalagem e informações nutricionais são decisivos para a comercialização. Além disso, entenderam que a certificação não aumenta vendas, mas traz credibilidade para alguns mercados”, explica o analista do Sebrae Minas Walmath Magalhães.

Atualmente, a entidade atua no apoio à obtenção das certificações Naturland e Bio Suisse, dois dos mais rigorosos padrões de agricultura orgânica na Europa. “Oferecemos suporte técnico para execução de



Sebrae Minas

“Em 2024, levamos um grupo de apicultores para uma missão técnica, na Suíça. Eles perceberam que fatores como embalagem e informações nutricionais são decisivos para a comercialização.

Equilíbrio entre exportação e mercado interno

O crescimento individual acompanha o avanço coletivo da apicultura no Norte de Minas. Hoje, o mel produzido na região se consolida como um produto competitivo, com valor que varia conforme a florada e o período de comercialização. “Nosso desafio é profissionalizar o setor, e garantir volume de mel produzido para o mercado externo. Questões como quebra de safra – redução drástica na produção esperada, causada por fatores climáticos adversos –, e fluxo de caixa ainda impactam o setor, exigindo maior organização e gestão”, destaca o presidente da Coopemapi, Luciano Fernandes.

A cooperativa completa, em 2026, dez anos de atuação, com cerca de 200 integrantes, e estabeleceu as raízes em Bocaiuva, cidade com cerca de 48 mil habitantes. “A ampliação do acesso ao mercado internacional se deu por meio de uma missão realizada pelo Sebrae Minas, para a Suíça, em 2024. Agora, estamos trabalhando para realizar o nosso sonho, que é exportar o mel processado. Hoje, o produto é embalado com a identidade deles, e com a indicação de que é um produto brasileiro, produzido pela agricultura familiar”, explica.

A estratégia da Coopemapi também busca equilibrar a atuação entre mercado externo e interno. O mercado europeu é um dos maiores consumidores mundiais de mel, representando cerca de 20% do consumo global. Por pessoa/ano, varia entre 500g e 1,2 kg, superando drasticamente a média brasileira, que é de 60g a 240g. Por isso, a participação em feiras e eventos no Brasil continua sendo incentivada, especialmente, para fortalecer as vendas no varejo e manter a presença no território nacional.

7 em cada 10 mulheres trabalham 8 horas ou mais por dia no gerenciamento das propriedades rurais brasileiras

A participação feminina no agronegócio brasileiro deixou de ser uma perspectiva futura para se consolidar como realidade estratégica. Dados do IBGE apontam que mais de 31% das propriedades rurais do país já são comandadas por mulheres; o percentual que chega a 53,8% na região Nordeste. Para Ana Paula Sodré, Diretora Jurídica do Grupo GIROAgro, uma das maiores empresas do setor de fertilizantes no país, o desafio agora é garantir que essa presença se expanda e se consolide em todos os níveis organizacionais.

“O avanço feminino no campo e na gestão é inegável e representa evolução para todo o setor. Valorizar a competência, a formação técnica e a capacidade de liderança independentemente de gênero é um passo essencial para que o agro continue crescendo de forma sólida, moderna e competitiva”, afirma Sodré.

O protagonismo feminino também é contabilizado no dia a dia das produções brasileiras. 70% das mulheres do agro trabalham 8 horas ou mais por dia no gerenciamento das propriedades, demonstrando o papel cada vez mais ativo e estratégico na rotina e nas decisões do campo, segundo dados da 9ª Pesquisa ABMRA.

Um marco recente que simboliza esse momento é a concessão do World Food Prize, que é conhecido como o “Nobel da Agricultura”, à cientista brasileira Ma-



Shironosov, CANVA

riangela Hungria, primeira mulher do país a receber a premiação. A pesquisadora é engenheira agrônoma cuja principal contribuição foi promover estudos sobre a fixação biológica do nitrogênio, que permitiram a substituição dos fertilizantes químicos por técnicas orgânicas, aumentando a produtividade da soja no Brasil.

Para Sodré, o reconhecimento global reforça que competitividade no agro passa, necessariamente, por ciência, inovação e ampliação contínua do espaço para mulheres. Segundo a executiva, ampliar a participação feminina no agronegócio exige método e se estrutura em quatro pilares fundamentais: capacitação e portas de entrada reais, com trilhas de formação

técnica e oportunidades concretas de aplicação; ambiente seguro e respeitoso, com liderança preparada e tolerância zero para assédio e discriminação; critérios transparentes de desenvolvimento e promoção, para que o crescimento não dependa de redes informais; e, por fim, pertencimento e rede, com espaços de troca, visibilidade de referências e escuta ativa.

“No Brasil, onde o agronegócio representa uma das principais forças econômicas, essa transformação é particularmente significativa. A presença feminina no setor tem crescido de forma consistente, acompanhando a evolução tecnológica e a profissionalização das atividades ligadas ao campo”, finaliza a diretora.